

Criar para não sumir: a arte de rua como política nas vidas trans e travestis

MAUÃ CUPELLO SOUZA

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

RESUMO

Este trabalho, escrito em primeira pessoa, nasce da observação e da vivência de quem entende a arte como ferramenta de sobrevivência e transformação. Inspirado pela trajetória do autor, homem trans, periférico, poeta e MC, este estudo teórico e poético percorre as ruas, vielas e palcos improvisados das cidades para compreender como as expressões culturais urbanas, o slam, o rap, o funk, o samba, o vogue, o circo, a dança, a capoeira e as rodas de conversa se tornam manifestos vivos de resistência. A partir de experiências diretas em espaços como o Slam das Minas, o TransCineClube, o Palco da Vida e a Casa 1, a narrativa articula teoria e prática para refletir sobre como a arte cria redes de afeto e pertencimento entre pessoas trans, travestis, negras e periféricas. Conclui-se que a cultura não apenas narra vidas, mas as sustenta. Mais do que estética, ela é política, uma forma de gestão da própria existência, justamente o que o Estado insiste em negar.

PALAVRAS-CHAVE

arte de rua; pessoas trans; travestis; periferia; cultura; resistência.

ABSTRACT

This work, written in the first person, arises from the observation and lived experience of someone who understands art as a tool for survival and transformation. Inspired by the author's journey as a trans, peripheral man, poet, and MC, this theoretical and poetic study walks through streets, alleys, and improvised stages to explore how urban cultural expressions slam poetry, rap, funk, samba, vogue, circus, dance, capoeira, and community gatherings become living manifestos of resistance. Drawing from direct experiences in spaces such as Slam das Minas, TransCineClube, Palco da Vida, and Casa 1, the narrative weaves theory and practice to reflect on how art builds networks of affection and belonging among trans, travesti, Black, and peripheral communities. It concludes that culture not only narrates lives but sustains them. Beyond aesthetics, it is political a form of self-management and collective governance that the State persistently denies.

KEYWORDS

street art; trans people; travestis; periphery; culture; resistance.

Criar para não sumir: a arte de rua como política nas vidas trans e travestis

MAUÃ CUPELLO SOUZA

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

INTRODUÇÃO

A primeira vez que eu escrevi meu nome (o de verdade) na folha de caderno da roda de rima da ZN, eu entendi que existir pode ser um ato coletivo. Ali, cercado de vozes que rimavam dores, brincadeiras e sonhos parecidos com os meus, percebi que eu era, aparentemente, a única pessoa trans daquele círculo. E, ainda assim, pela primeira vez, não me senti sozinho. Me senti em casa.

Desde então, passei por inúmeros projetos como MC e poeta, me senti em casa em todos esses espaços que me deram voz. Aprendi que quando você está num lugar onde não sente o tempo passar, preste atenção: é sinal de que você está fazendo aquilo que ama. A arte, para mim, começou ali, numa folha amassada, numa roda pequena, no meio do Complexo do Alemão e, desde então, a arte tem sido o que me mantém vivo e limpo.

Essa experiência não é individual. Para muitas pessoas trans e travestis, especialmente as que vivem em territórios periféricos, a arte de rua funciona como espaço de cuidado, educação, saúde mental, redução de danos e construção de comunidade. Ao contrário do que muita gente imagina, a arte afasta das drogas, do suicídio e da marginalização. A cultura e a educação unem, criam pertencimento, constroem redes e, se não fossem esses coletivos, muitas das ONGs que hoje salvam vidas trans e travestis simplesmente não existiriam.

E é justamente por isso que a falta de recursos, de políticas públicas, o não incentivo ou a criminalização de organizações culturais não é apenas um ataque à arte: é um ataque direto à sobrevivência de pessoas trans e travestis, principalmente as que são negras e periféricas. A cultura é um dos poucos lugares onde a gente não precisa pedir licença para viver. Onde podemos usar nossa própria voz. Quando ocupamos um palco, uma roda, um sarau, estamos fazendo muito mais do que arte, estamos reivindicando o direito básico de existir com dignidade. E, no Brasil, isso já é revolucionário.

Escrevo,

Se não eu desapareço.

Se não eu esqueço

que tô vivo

e que não aceito

morrer de novo

pelo seu capricho.

Criar para não sumir: a arte de rua como política nas vidas trans e travestis

MAUÃ CUPELLO SOUZA

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

*Seria mais fácil pra você,
pro seu CISTema,
me ter morto.
Mas eu sou teimoso.*

*Você me tira da sua empresa,
me exclui da sua festa,
tira meu lugar na mesa.
O meu nome, você erra
até quando me enterra.*

*Por que você não quer ter
alguém que luta pra viver
dividindo o mesmo espaço que você?
Tem medo de quê?*

*Teu preconceito é teu espelho quebrado,
em cacos.
cacos que você me atira.*

*E mesmo rasgado, eu escrevo.
E quando escrevo,
empresto meu espelho,
inteiro,
pra você.
Pra te obrigar a se ver.*

DESENVOLVIMENTO

A arte como sobrevivência e política

Muita gente conhece Erika Hilton apenas como deputada federal, mas antes de chegar à política institucional, ela veio da rua, da arte, da palavra, da performance. Sua trajetória nasce da cultura, especialmente da cultura periférica e trans que pulsa nas margens de São Paulo. Em entrevistas e falas públicas, Erika conta que foi nas praças, nos coletivos culturais e nos saraus das quebradas que ela aprendeu o poder da voz, o poder de transformar dor em discurso e exclusão em linguagem. Antes de ocupar uma cadeira no Congresso, ela já ocupava espaços

Criar para não sumir: a arte de rua como política nas vidas trans e travestis

MAUÃ CUPELLO SOUZA

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

simbólicos, subindo em palcos improvisados para dizer o que o sistema não queria ouvir: que pessoas trans existem, resistem e pensam o Brasil.

No vídeo “A democracia é uma travesti” (2023), Erika lembra que sua militância começou muito antes da eleição. Ela diz: “A democracia não me deu nada, eu é que tive que arrancar o direito de existir na marra”. Essa frase resume a potência política que nasce da arte de rua: a ideia de que falar é sobreviver, e que ocupar um microfone ou um espaço público é, para corpos dissidentes, um ato de enfrentamento. Erika foi lapidada nesse ambiente, nos coletivos culturais, nas performances, nas rodas onde a fala é o principal instrumento de afirmação. Foi nesse chão que ela construiu sua consciência política e sua voz pública.

A arte ensinou a Erika Hilton a disputar narrativas e a transformar a vulnerabilidade em força. A rua foi sua primeira escola, o sarau foi seu primeiro parlamento. E, ao transformar vivência em discurso e discurso em política, ela provou que a cultura não é só expressão: é ferramenta de poder. Hoje, quando fala no plenário da Câmara dos Deputados, a cadência da sua fala ainda carrega o ritmo da poesia falada, o corpo da performance, o tom das ruas, um lembrete de que a política institucional também pode nascer da poesia.

Mesmo que você não seja apoiador da causa trans e travesti, é inegável que as propostas das quais Erika Hilton atua, como a proposta da PEC pelo fim da escala 6×1 impactam, de alguma forma, a vida de todos para melhor.

Tudo começa com o palco, a expressão e o manifesto.

Criar para não sumir: a arte de rua como política nas vidas trans e travestis

MAUÃ CUPELLO SOUZA

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026



Érika Hilton na [Marcha do Orgulho Trans](#), em SP, 2019

Projetos como o Slam das Minas, do qual fiz algumas apresentações a convite de meu amigo Tom Grito, foi criado para que mulheres e pessoas trans pudessem se expressar sem censura, transformaram a poesia em espaço de acolhimento e poder. Ali, cada verso é um grito coletivo contra a violência, contra o patriarcado, contra a transfobia. O TransCineClube é uma iniciativa que une cinema, performance e ativismo trans, ocupando espaços culturais antes negados a esses corpos. A última edição aconteceu no Centro Cultural Justiça Federal, na Cinelândia, onde, mais um ano, me apresentei com um show de rap. Para muitos, pode ter sido apenas um show de rap, assim como para muitos, no início, os discursos da Erika eram apenas discursos. Mas enquanto eles pensam que falamos apenas baboseiras, várias pessoas começam a ir discordando deles, por perderem no argumento, tudo isso gera algo muito maior.

Outros exemplos provam o mesmo. O AfroReggae, nascido no Vigário Geral após uma chacina, usou a música e a arte para impedir que jovens fossem recrutados pelo tráfico. O Nós do Morro, no Vidigal, revelou talentos que chegaram ao cinema e à televisão, provando que a favela produz arte de nível mundial. Não poderia deixar de mencionar o no Palco da Vida, idealizado por Wal Schneider, é um projeto teatral que transforma arte em ferramenta de conscientização e acolhimento. No palco, apresento minhas performances e discursos voltados à territorialidade, tratando do pertencimento, da resistência e da força dos corpos periféricos e

Criar para não sumir: a arte de rua como política nas vidas trans e travestis

MAUÃ CUPELLO SOUZA

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

trans. É um espaço onde a arte e a vivência se encontram para afirmar que existir e se expressar também é um ato político.

Dentre tantos outros projetos: Rodas de rima, vogue, circo, samba, funk, dança, capoeira, rodas de conversa, e até mesmo aqueles que seguem resistindo sem incentivo financeiro, como a Casa 1, que hoje enfrenta dificuldades para se manter, é preciso reconhecer a importância vital desses espaços.

A Casa 1, no centro de São Paulo, é um exemplo de como cultura e acolhimento podem caminhar juntos. Ali, pessoas LGBTQIA+ expulsas de casa encontram moradia, cuidado, escuta e também um espaço para criar, pensar e se reconstruir por meio da arte.

É por isso que, quanto menos houver espaços como esse, menos Erikas existirão, menos vozes terão chance de ecoar, e menor será a qualidade de vida de todos nós, porque quando a cultura é silenciada, a sociedade inteira adocece. A cultura é o único espaço onde qualquer pessoa pode se expressar.

Essas iniciativas mostram que a arte é uma forma de gestão da vida. Quando o Estado falha, a cultura organiza. Quando a sociedade cala, a poesia fala. Por isso, cada coletivo cultural nas periferias é também um ato de governo popular, um modo de existir e cuidar uns dos outros fora das instituições que nos excluem. Eles produzem saúde mental, educação, segurança, e constroem pertencimento, tudo aquilo que o poder público ainda deve.

No fim das contas, a arte faz o que o Estado não faz: escuta. E talvez seja por isso que, pra muitos, ela assusta tanto. Porque os que são escutados tem muito a dizer.

Mas pra nós, ela salva.

Meu hormônio não cai do céu

Existe um incômodo real quando pessoas pretas, periféricas, trans, travestis começam a se unir, e é justamente por isso que tentam nos calar. Porque quando a gente se organiza, o medo muda de lado. Eles sabem que um corpo isolado é vulnerável, mas corpos coletivos viram movimento, viram política, viram revolução.

Hoje, nas favelas e nas periferias, existe uma força crescendo pelas beiradas, nas rodas de rima, no vogue, nos slams, nos palcos improvisados, nas redes de apoio e nos coletivos culturais.

Criar para não sumir: a arte de rua como política nas vidas trans e travestis

MAUÃ CUPELLO SOUZA

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

Pessoas que o sistema tentou apagar estão se encontrando, criando, se fortalecendo. E quanto mais a gente se junta, mais difícil fica nos tirar de cena. É por isso que tentam cortar verba, criminalizar os espaços culturais e desmontar políticas públicas, porque sabem que, se a arte continuar viva, a gente também continua. Porque mesmo quem já se foi, continua vivo dentro do movimento cultural.

Meu hormônio não cai do céu, e nenhum projeto se sustenta só com amor. Mas é o amor que tem nos mantido de pé, mesmo quando o Estado vira as costas. A união entre artistas periféricos é o que tem garantido que a arte continue respirando, mesmo sem oxigênio. E é isso que assusta quem está no topo: saber que, com tão pouco, a gente já constrói tanto. Porque se um ou uma de nós consegue furar a bolha, o medo deles é que todos atravessem junto.

A arte é a nossa bala de amor, dispara e cura.

*“É que nós sempre teve aqui,
Sempre existiu pessoas trans e travestis.
Alguns de nós Tupinambás, outros Tupiniquins.*

*Sempre calaram nós,
Silenciaram nós,
Sendo que nós nasceu com esse país.*

*E por isso tu vai me ouvir.
Descarrego minha Bic,
Sem paciência pra cis, mano.*

*Eu vou pegar uma Vogue
Pra lembrar que nós tá vivo
E celebrar meu povo.*

*Nós não venceu a ditadura?
Com arte e música?
Então é só fazer de novo.*

*Prenda-me se for capaz,
Cale-me se for capaz,
Beije-me se for capaz.*

Criar para não sumir: a arte de rua como política nas vidas trans e travestis

MAUÃ CUPELLO SOUZA

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

*Veja Capim Navalha no cartaz,
Se for capaz.*

*Se não perder muito do teu tempo,
Dá atenção pro rapaz trans
Que rima nas ruas de trás.*

*São duas cicatrizes que se cortam no meu peito.
Não queria tá tão bêbado,
Mas não teve outro jeito.*

*De Olaria e de calote, te falei:
Não sou perfeito.
Disforia eu bebo dose, amor,
Não vou mudar meu jeito.*

*Quando alguns se afastaram,
Deus me deu um livramento.
Agora eu entendo
Que era só questão de tempo.*

*Quando alguns dos meus se foram,
Eu me tornei mais violento.
E agora o movimento
É na relíquia de nós mermo.*

*Da licença, perai,
Tô Transcrevendo, eu vou rimar.
Nós não vai deixar passar,
Nós não é de recuar.*

*Aqui nós vai resistir
Até o último sobrar.
Geni é boa de cuspir,
Só que dá aula em navalhar.”*

Criar para não sumir: a arte de rua como política nas vidas trans e travestis

MAUÃ CUPELLO SOUZA

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

*“E até hoje ainda falam
Que a maldita é Geni,
Que teve que ser leiloada
Por um cara em um zepelim.*

*Até hoje, o mesmo cara,
Só que em uma Lamborghini
Ainda se lambuza
Em cima de uma travesti,
Mas não consegue assumir.*

*E quando chega em casa,
Deita com a mulher de alma lavada,
Põe a culpa no trabalho
Com uma conversa fiada.*

*Toma seu café
E ainda assedia a empregada,
Porque sabe que não pega nada.*

*Não pega nada.
E ainda ensina o filho
A ser do mesmo jeito.*

*Quando crescer,
Bota o playba pra fazer direito.
E ele volta a ser o mesmo pai,
Do mesmo jeito.*

*Herda uma casa na praia
E herda o preconceito.
Do mesmo jeito.*

*Hoje eu vou gritar
Pra todo mundo ouvir
Que eu só quero viver.*

Criar para não sumir: a arte de rua como política nas vidas trans e travestis

MAUÃ CUPELLO SOUZA

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

*Eu só quero ser
Esse cara que nasci pra ser.
Não ser mais ninguém.*

*Sinto muito,
Se tu for contra,
Vai ter que se morder.*

Pra mim, tu não é ninguém.

*E nós navalha
Isso é flow com cerol, né?
Demais pra tu, bro!*

*Vou descer na Caracol,
Tá eu e Grilo com som.
Sou moleque puro,
Não vem dizer que eu sou.*

*Rala, curioso,
Sai da frente do meu sol.*

*É que agora eu tô no chão, mãe,
Podia tá lá no céu.
Tô aqui com essa caneta,
Só cumprindo meu papel.*

*Deixa eles falar de mim,
Tão andando pra trás.
Se fiz umas coisa infeliz,
Foi pra poder pagar meu gás.*

*Mas é que hoje eu tô feliz, né?
Só a dor compensa.
Tenta praticar o que diz,
Antes de dizer o que pensa.*

*Olha pra minha cicatriz
Onde mora minha beleza.*

Criar para não sumir: a arte de rua como política nas vidas trans e travestis

MAUÃ CUPELLO SOUZA

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

*Então bem-vindo ao meu país:
Cada sentença,
Uma cabeça.”*

CONCLUSÃO

Minha formação em Arquivologia foi o que me ensinou que memória também é território. Estudar documentos é entender o que o Estado escolhe lembrar e, principalmente, o que ele tenta esquecer. Por isso, no meu Trabalho de Conclusão de Curso, decidi pesquisar sobre retificação de documentos, um tema que vai muito além do papel: é sobre o direito de existir oficialmente como quem se é. Cada nome, cada gênero, cada identidade reconhecida nos arquivos é uma reparação simbólica e histórica.

Prestes a me formar, sigo com o desejo de me especializar na área da cultura, seja em uma pós-graduação ou em um mestrado, unindo o que aprendo na universidade ao que já vivencio na prática. A cultura sempre foi o meu espaço de expressão e sobrevivência, e é nela que pretendo continuar construindo caminhos para que mais pessoas trans e travestis encontrem visibilidade, autonomia e dignidade.

Meu próximo passo é transformar essa vivência em ação concreta: criar um projeto social voltado para artistas trans, que ofereça oportunidades, formação e estrutura para que possam produzir e viver de sua arte. Porque se a memória garante que a gente não seja esquecido, é a arte que garante que a gente continue vivo. A única barreira para a construção desse projeto hoje é falta de investimento, mas essa barreira começa a ser quebrada assim, falando sobre isso e compartilhando com outres.

A cultura é o único espaço onde qualquer pessoa pode se expressar sem ser calada, seja por uma bala ou pela falta de oportunidade.

Mãe, eu tô no chão

*Vou ficar um tempinho aqui
Lembrando dos teus carinhos
Me fiz poeta e mc*

Criar para não sumir: a arte de rua como política nas vidas trans e travestis

MAUÃ CUPELLO SOUZA

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

Rodeado e tão sozinho

*Sei que não sou tua princesa
Que cresceu na tua barriga
Mas se eu puder sentar na mesa
E transformar toda essa briga*

*Em um abraço caloroso
E voltar naquele dia
Que você fez feijão gostoso
E orou pra santa que me vigia*

*Meu coração vão espremer
Como se fosse uma uva
Por isso eu boto pra fuder
E hoje o baile tá uma uva*

*Eu não quero ir pra casa
Mas tô com saudade tua
É que se eu aparar minha asa
Vou esquecer como flutua*

*Depois do baile eu vou pra praia
Tirar uma de bacana
lotamo o 484
Foi flow, balão e caldo de cana*

Criar para não sumir: a arte de rua como política nas vidas trans e travestis

MAUÃ CUPELLO SOUZA

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

*Queles pix que nunca acaba
Depois daqui é roda de rima
Fica tranquila eu passo em casa
Geral ralou mas eu tô com a mina*

*Da um oi pra tua sogra
Tem que ver como ela cozinha
“Me atende e fica na sombra”
Oh mãe relaxa eu tô com a novinha*

*Não sei porque que eu nunca te escuto
Quando tu diz que tem algo errado
Me juntaram e foi muito soco
Se fosse aqui tava palmeado*

*Eu tô no chão, mãe, não se preocupa
Eu vou aí te da um abraço
Pelo teu choro tu me desculpa
Tu deu a mão e eu quis o braço*

*Tu foi comigo lá no Decradi
E o delegado não fez nada
Antes fosse só uma fase
Ou na favela, não passa nada*

Criar para não sumir: a arte de rua como política nas vidas trans e travestis

MAUÃ CUPELLO SOUZA

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

*Essa porra não vale a pena
Eles sempre saem ileso
As suas almas são tão pequenas
Mas de preconceito eles são obeso*

*Nenhum momento eu senti medo
Já que não devo também não temo
E se o teu filho morrer tão cedo
Que tarde morra o amor materno*

*Um filho trans e mc
Sem motivos pra te orgulhar
Mas eu ainda tô aqui
Vou te atender se você ligar*

*Me aponta o dedo, me estenda a mão
Ou me coloque como réu
Mãe, eu tô bem nesse chão
Mas eu podia tá lá no céu.*

IMAGENS

Criar para não sumir: a arte de rua como política nas vidas trans e travestis

MAUÃ CUPELLO SOUZA

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026



Roda de Rima da ZN, no Complexo do Alemão. (Batalha de rimas Mauãzin x Ben), 2022



1ª Premiação de Batalha de MC Mauãzin, presenteado por Lis MC, mestre de cerimônia da Roda da ZN, 2022

Criar para não sumir: a arte de rua como política nas vidas trans e travestis

MAUÃ CUPELLO SOUZA

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026



Apresentação no projeto Transcineclube, no Centro Cultural Justiça Federal, 2025



Criar para não sumir: a arte de rua como política nas vidas trans e travestis

MAUÃ CUPELLO SOUZA

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

Show em um clube em Olaria, set/2024



Transcineclube, apresentação em ago/2024



Apresentação No Palco da Vida, out/2025

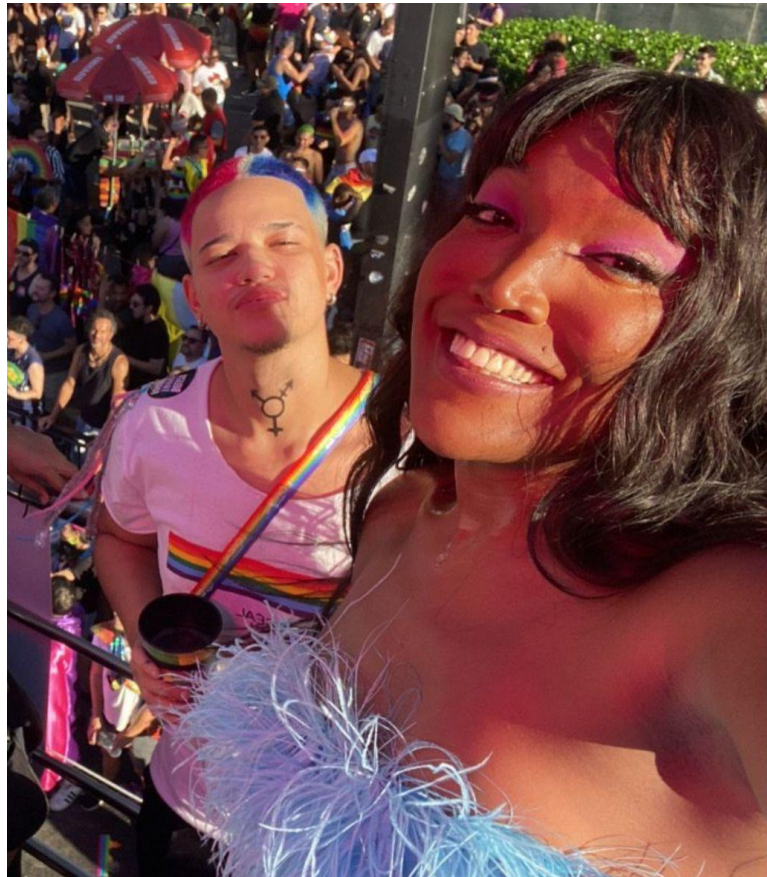
Criar para não sumir: a arte de rua como política nas vidas trans e travestis

MAUÃ CUPELLO SOUZA

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026



Apresentação no trio, Parada de SP jun/2024

Criar para não sumir: a arte de rua como política nas vidas trans e travestis

MAUÃ CUPELLO SOUZA

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026



Aniversário de 25 anos, set/2025

REFERÊNCIAS (ABNT)

Referências diretas

AFROREGGAE. Grupo Cultural AfroReggae. Rio de Janeiro, [s.d.]. Disponível em: <https://www.afroreggae.org/>. Acesso em: 11 nov. 2025.

BALLROOM/BALADA VOGUE. Cultura Ballroom – Dança e expressão LGBTQIA+. São Paulo/Rio de Janeiro, [s.d.]. Disponível em: <https://www.instagram.com/ballroomexample/>. Acesso em: 11 nov. 2025.

CASA 1. Casa 1 – Centro de Cultura e Acolhimento LGBTQIA+. São Paulo, [s.d.]. Disponível em: <https://www.casaum.org/>. Acesso em: 11 nov. 2025.

CENTRO CULTURAL JUSTIÇA FEDERAL. TransCineClube – Mostra de Cinema Trans e Travesti. Rio de Janeiro, [s.d.]. Disponível em: <https://www.justicafederal.gov.br/cultura>. Acesso em: 11 nov. 2025.

Criar para não sumir: a arte de rua como política nas vidas trans e travestis

MAUÃ CUPELLO SOUZA

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

GRUPO NÓS DO MORRO. Nós do Morro. Rio de Janeiro, [s.d.]. Disponível em: <https://www.nosdomorro.com.br/>. Acesso em: 11 nov. 2025.

HILTON, Erika. “A democracia é uma travesti” [vídeo online]. 2023. YouTube, 7 dez. 2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=qqaIYD-savc>. Acesso em: 11 nov. 2025.

PALCO DA VIDA. Projeto Palco da Vida. Rio de Janeiro: Wal Schneider Produções, [s.d.]. Disponível em: <https://www.instagram.com/projetopalcodavida/>. Acesso em: 11 nov. 2025.

SLAM DAS MINAS RJ. Slam das Minas RJ – Batalha de Poesia Feminina e Trans. Rio de Janeiro, [s.d.]. Disponível em: <https://www.instagram.com/slamdasminasrj/>. Acesso em: 11 nov. 2025.

Referências indiretas

ARQUIVOS NACIONAIS (Brasil). Código de Classificação e Tabela de Temporalidade de Documentos das IFES. Brasília, DF: Arquivo Nacional, 2011.

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA (IFES). Código de Classificação e Tabela de Temporalidade de Documentos das Atividades-Fim das IFES – versão 2024. Brasília, DF: IFES, 2024.

UNESCO. Relatório mundial sobre cultura e desenvolvimento. Paris: UNESCO, 1998.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Brasília, DF: Presidência da República, 1988. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 11 nov. 2025.

BRASIL. Lei nº 12.527, de 18 de novembro de 2011. Regula o acesso a informações previsto no inciso XXXIII do art. 5º, no inciso II do § 3º do art. 37 e no § 2º do art. 216 da Constituição Federal. Brasília, DF: Presidência da República, 2011. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2011/lei/l12527.htm. Acesso em: 11 nov. 2025.

Criar para não sumir: a arte de rua como política nas vidas trans e travestis

MAUÃ CUPELLO SOUZA

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026